

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

O ENSINO DE HISTÓRIA E O DIÁLOGO ENTRE AS CULTURAS¹ THE TEACHING OF HISTORY AND THE DIALOGUE BETWEEN CULTURES

Éberson Dos Santos Corrêa²

¹ Projeto de pesquisa realizado no curso de História da UNIJUI

² Graduando em História pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI), bolsista do subprojeto História PIBID/UNIJUI. eberson.correa.2014@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este relato constitui-se a partir da participação como bolsistas do Pibid- Programa Institucional de Bolsas de Incentivo à Docência, financiado pela CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, partindo da elaboração de um planejamento conjunto com a Professora de História no Instituto Estadual de Educação Guilherme Clemente Koehler. Aproveitando os conteúdos vistos pelos alunos do sétimo ano, etnias e diversidade cultural, racismo e preconceitos, presentes no cronograma e no livro escolar, elaboramos um planejamento a esse respeito. A intenção foi desenvolver junto aos alunos um novo conceito sobre os direitos humanos, inspirados no sociólogo português que nos diz:

Temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades. (SANTOS, 2003, p.56)

Tentamos mostrar a importância de valores como o respeito e a tolerância. Aliás, mostrar que devemos ir além da mera tolerância, temos o dever de incluir o diferente, o outro, não no sentido de anulá-lo ou desnudá-lo de sua raça ou etnia, mas sim, no sentido do diálogo cultural, de inter-relação deliberada. Conforme Vera Candau nos alerta sobre o erro de cairmos num multiculturalismo assimilacionista, comum nas escolas:

Trata-se de uma política de assimilação do outro, do diferente à cultura hegemônica. Procura-se integrar os grupos marginalizados e discriminados aos valores, às mentalidades e aos conhecimentos socialmente valorizados pela cultura hegemônica. Caráter homogeneizador e monocultural. (CANDAU, 2011, p.20 e 21)

Assim, estudamos o multiculturalismo, numa perspectiva interdisciplinar, não só sob ponto de vista eurocêntrico, mas abrindo espaço para outras leituras. Isso significa que a escola não será uniformizante e nem homogênea. E mais, aproveitando a realidade local dos alunos, que está inserida em Ijuí/RS, sendo a primeira colônia da República no Rio Grande do Sul e é considerada Colônia Multiétnica. Hoje, o Município acolhe descendentes de mais de 30 etnias. Essa realidade torna-se uma possibilidade pedagógica, sendo ainda possível discutir as atuais e polêmicas migrações correntes no mundo.

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

METODOLOGIA

Este relato traz resultados, construídos a partir do que conseguimos observar e vivenciar nas atividades desenvolvidas juntamente com a Professora de História, em uma atividade de docência compartilhada do Programa Pibid. Relata ainda o desenvolvimento e a construção coletiva de um plano de aula e sua aplicabilidade. Para a reflexão são utilizados autores como Santos (2003), Candau (2011), Vargas (2011) e Teixeira (1996).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Deste modo, a missão da escola é formar cidadãos. Cidadania consiste em participar e lidar com o mundo; intervir criativa e criticamente nele; aprender sobre si mesmo, sobre o outro e sobre o mundo; compreender as relações humanas como complexas, diversas, situadas e historicamente construídas.

As aulas de História podem ajudar os alunos a compreenderem como se constituiu o preconceito. Que processo histórico forjou relações de hierarquização e mando, definindo que uns nasceram para submeter outros, que somente alguns possuem determinadas características que os fazem “superiores”, supostamente com mais direitos?(...)As aulas de História podem ser fundamentais para algumas desaprendizagens. Para isso, as visões de mundo de alunos e professores devem ser confrontadas com conceitos históricos e, depois de discutidos, que algumas práticas possam ser respeitadas ou modificadas. (GIL, Carmem Zeli de Vargas / ALMEIDA, Dóris Bittencourt, 2011, p. 40).

Por meio de uma rede social, conhecemos a “Comunidade Angolana do RS”^[1], criada por jovens angolanos que residem e estudam em faculdades do Rio Grande do Sul, mais especificamente na cidade de Santo Augusto, a 450 quilômetros da capital Porto Alegre. Entramos em contato com esse grupo, que aceitou o convite de interagir com alunos do Ensino Fundamental e Médio de uma escola pública de Ijuí. Por fim, organizamos duas apresentações de uma hora e meia cada. A primeira para o Ensino Fundamental e a segunda para o Ensino Médio.

Os estudantes universitários convidados são alunos dos cursos de Ciências Contábeis e de Administração, na FAISA Faculdades, na cidade de Santo Augusto. Todos vieram da capital de Angola, Luanda. Na palestra falaram sobre a realidade política, econômica e cultural de Angola, mostrando aos alunos as diferenças e semelhanças, históricas e atuais, com o Brasil.

A professora titular da turma já estava debatendo a História do Brasil, dando destaque à formação do povo brasileiro, desse modo, aprofundamos os estudos para que os alunos pudessem ter mais elementos para as suas perguntas. Por ser o português a língua oficial de Angola, o idioma não foi problema na comunicação. Teve projeção de slides na tela do salão de eventos e também demonstração de danças e cantorias típicas com os instrumentos dos próprios estudantes angolanos. Havíamos combinado que, ao final da apresentação, abriríamos espaço para perguntas

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

dos alunos e dos professores da escola. E foram muitas! A curiosidade era imensa.

As apresentações foram no sentido de transmitir um pouco da realidade cultural, política e econômica de Angola, por meio de informações, estatísticas, dados, fotografias e vídeos exibidos na tela do salão. A empolgação e o envolvimento dos alunos e professores foram muito positivas. Questões como “O que vocês encontraram quando chegaram aqui no Brasil? Porque escolheram o Brasil? Porque o Rio Grande do Sul? Sofreram atos de racismo aqui? O que acharam da nossa comida? Dos nossos costumes e hábitos? Muitas diferenças entre lá e aqui?”, foram levantadas por alunos e professores da escola. As danças e a interação com o público, inclusive chamando alguns alunos para o palco, levantaram aplausos e os elogios foram gerais. Todos aprendemos um pouquinho sobre o “Kuduro”, dança surgida nos anos oitenta em Angola, que mistura música eletrônica e tambores; sobre a fauna e flora angolana; visualizamos suas belas paisagens rurais e urbanas; sobre sua democracia; sua gastronomia e muito mais. Aprendemos também sobre as dores que esse povo passou e ainda passa através da longa e recente guerra civil, que durou vinte e sete anos e terminou em 2002, sobre o desemprego e a desigualdade social, problemas bem familiares aos brasileiros. Essa palestra tornou evidente o parentesco do brasileiro com o angolano. Percebemos uma série de heranças culturais africanas no nosso Brasil. Da comida às roupas, as religiões, os simbolismos, a arquitetura, os esportes, toda uma série de elementos que são o resultado desse sincretismo cultural.

Depois de terem se familiarizado com a cultura angolana e suas influências, surgiu à necessidade de instigá-los a pensar sobre as diversidades, a tolerância e a inclusão do diferente em seu mundo e, reciprocamente, incluírem-se no mundo do diferente, por meio do diálogo intercultural. Por meio de apresentação de slides, com fotos ilustrando pontuais situações, pretendemos que os alunos vissem as diferenças, gritantes ou sutis, entre os povos e que compreendessem a necessidade contextualização. Através do tempo, todas as culturas vão abandonando hábitos e costumes, alguns vão caindo em desuso e outros vão surgindo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta perspectiva acreditamos que não podemos confundir desigualdades (opressão, hierarquia, superioridade, inferioridade) com diferenças (étnicas, culturais, biológicas). Com este trabalho tentamos mostrar que todas as culturas são incompletas e abertas, não existe cultura completa e fechada, e que todas têm aspectos negativos e positivos. O diálogo cultural consiste na absorção e exportação de elementos, a essa interação chamamos de multiculturalismo, isto é, considerar as diferenças como enriquecedoras.

Destarte a isso, acreditamos que o projeto PIBID, seja o berço inovador e transformador de uma nova escola, que lembra Anísio Teixeira (1996), com sua frase: “... Para a nova escola, estudo é o esforço para resolver um problema ou executar um projeto e ensinar é guiar o aluno na sua atividade e dar-lhe os recursos que a experiência humana já obteve...”. Esse é o desafio da educação no contexto atual.

Palavras-Chave

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

Pibid; Multiculturalismo; Reflexão; Docência Compartilhada

Keywords

Pibid; Multiculturalism; Reflection; Shared Teaching

Referências Bibliográficas:

MOREIRA, Antonio Flávio / CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo - Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas**. São Paulo: Editora Vozes, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação é um direito** - 2ª Edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

VARGAS GIL, Carmem Zeli / ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **A Docência em História: reflexões e propostas para ações**. Erechim: Edelbra, 2011.

[1] <https://www.facebook.com/Angolanos-no-Rio-grande-do-Sul-1608624792798281/>

Acessado em 10 de maio de 2017.